

DOSSE, François. **O Desafio Biográfico**: escrever uma vida. Tradução Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009 – por Fernanda Lorandi Lorenzetti

DOSSE, François. **O Desafio Biográfico**: escrever uma vida. Tradução Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

Fernanda Lorandi Lorenzetti
Mestre em História - UFGD

Docente de História do Serviço Social da Indústria do Paraná (SESI/PR)

O historiador francês, François Dosse tornou-se reconhecido em seu meio como um analista da situação intelectual francesa no século XX e especialmente como crítico da chamada *Nouvelle Histoire*, ou também conhecida como terceira geração da Escola dos Annales. As concepções de Dosse a respeito dessas temáticas podem ser lidas em muitas de suas obras publicadas no Brasil, tais como: “*A História em Migalhas: dos Annales à nova história*” (1994), “*História do Estruturalismo*” (1994), “*A História a prova do tempo: da história em migalhas ao resgate do sentido*” (2001), “*Império do Sentido: a humanização das ciências humanas*” (2003), entre outras. Em seu “*Desafio Biográfico: escrever uma vida*” esses temas não deixaram de ter lugar, mas agora diluídos em outros objetivos, quais sejam: analisar historicamente as produções biográficas, inserindo as mais diferentes publicações em seus contextos de produção, verificar os momentos de maior ou menor intensidade na escrita de biografias e como o historiador profissional relacionou-se com o biográfico pelo menos durante o decorrer dos últimos dois séculos.

Dosse intenta construir uma espécie de panorama histórico das produções biográficas, demonstrando assim, as diferentes concepções a respeito dessa forma de escrita durante o tempo. Para tanto, recorre a uma divisão metodológica das biografias, traçada por ele próprio. Assim sendo, as primeiras obras datadas da antiguidade clássica até a modernidade passam a integrar a idade heróica. Posteriormente, as biografias produzidas durante o século XX, por suas características singulares são denominadas modais. E por fim, as biografias que expressam a heterogeneidade e a multiplicidade de identidades da contemporaneidade pertencem à era hermenêutica.

Em relação ao período da escrita biográfica heróica, Dosse irá analisar a chamada história das vidas exemplares, que tinham a função pedagógica de ressaltar as qualidades morais do herói, protagonista do enredo. Para o autor, as biografias heróicas tinham a sua existência marcada pela capacidade do autor em apresentar um tipo, um retrato de personagens que representassem valores que deveriam ser seguidos pela sociedade de um

DOSSE, François. **O Desafio Biográfico**: escrever uma vida. Tradução Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009 – por Fernanda Lorandi Lorenzetti

modo mais generalizado. É a chamada *historia magistra vitae*, que buscava seu sentido na orientação moral dos homens.

O historiador francês ressalta que dentre os biógrafos pertencentes à idade heróica estão os romanos Plutarco (*Vidas Paralelas*) e Suetônio (*A vida dos doze césares*), passando pelos hagiógrafos da Europa Medieval, também os modernos Maquiavel (*A vida de Castruccio Castracani*), Thomas Carlyle (*História de Frederico II da Prússia*), dentre outros. Aliás, durante todo o seu texto, François Dosse irá analisar as obras biográficas a que faz menção, demonstrando assim uma vigorosa erudição e uma vasta pesquisa sobre o assunto.

Como características desse período tem-se a ruptura drástica entre a história e a biografia. A primeira estava ligada à busca da verdade, enquanto isso a biografia era um gênero mais “impuro”, misto de realidade e ficção. O biógrafo teria assim, mais liberdade criativa que o historiador, que deveria deter-se essencialmente aos fatos. Outra característica da biografia heróica é sua linearidade temporal, já que os fatos seriam ordenados cronologicamente da infância para a maturidade. Conforme destaca Dosse, as biografias utilizavam uma fórmula de escrita em que a vida do indivíduo era orientada essencialmente pelo seu destino, ou seja, desde o início, a trajetória do herói estava marcada pelas suas grandes ações.

No século XIX a escrita biográfica passa a ser vista com muitas reservas por parte dos historiadores, um gênero de escrita considerado inferior e desprezado pelos profissionais das academias. O herói individual cede espaço para a narrativa sobre a nação. Jules Michelet (*A História da França*) encarna bem esse momento de passagem, já que em seu itinerário intelectual escreveu não a história de indivíduos, mas da própria França como ser vivo. O século XX parece também não valorizar o biográfico. Segundo Dosse, a perspectiva muda, pois a história acadêmica: “[...] vê-se então contestada em sua pose doutoral pelas jovens ciências sociais ávidas por cientificidade, notadamente uma sociologia apoiada em sua inspiração durkheimiana, muito vindicativa.”(DOSSE, 2009: 195) A história, influenciada pela sociologia, passa a orientar-se para as estruturas, para os grandes e lentos processos históricos. Inclusive, François Simiand, em 1903, instiga os historiadores à “quebrarem” o biográfico, considerado um dos ídolos da história factual, assim como a cronologia e a política.

A Escola dos Annales irá tomar esse discurso para si e, de modo muito hegemônico diminuir a importância do indivíduo, apoiando-se grandemente no estruturalismo sociológico, inclusive com sua terceira geração alcançando o ápice com a história das mentalidades,

DOSSE, François. **O Desafio Biográfico**: escrever uma vida. Tradução Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009 – por Fernanda Lorandi Lorenzetti

enorme sucesso na década de 70. Essa história das mentalidades é intensivamente criticada por Dosse, pois generaliza à sociedade uma estrutura mental comum, quando na realidade, as sociedades não pensam, somente os indivíduos apresentam capacidade intelectual. As biografias originadas dessa concepção generalizante são chamadas modais, já que pinça-se o indivíduo e dele pode-se ter um exemplo de como a sociedade organizava-se. O *modus vivendi* do indivíduo possibilitaria uma análise dos aparelhos mentais de uma determinada época, sem heterogeneidades e especificações pessoais. As produções de Lucien Febvre (*Rabelais ou o problema da incredibilidade do século XVI*), Georges Duby (*Guilherme, o Marechal ou o melhor cavaleiro do mundo*) e Michel Vovelle (*L'irresistible ascension de Joseph Séc, bourgeois d' Aix*) são exemplos dessas tentativas biográficas de entender o indivíduo unicamente como representativo de seu contexto.

Outras perspectivas acerca do biográfico se anunciam mais fortemente a partir da chamada *guinada crítica* ocorrida na historiografia francesa a partir da década de 1980, quando buscou-se romper com o estruturalismo e com as generalizações demasiadas na interpretação da história. Dosse denomina esse rompimento como idade hermenêutica, ligada, sobretudo à singularidade individual, à reflexão sobre as heterogeneidades, às identificações diversas dos sujeitos no decorrer de sua trajetória, que não é mais linear e centralizada, mas apresenta reentrâncias e singularidades. É o momento da biografia existencialista, e não-causalista, de Jean Paul Sartre (*L'idiote de la famille: Gustave Flaubert de 1821 à 1857*), do uso da história oral, da valorização do indivíduo e da narrativa, da microhistória de Carlo Guinzburg (*O queijo e os vermes*), Jacques Le Goff (*São Luis*) e Michel Foucault (*Eu, Pierre Rivière...*), também da história psicológica de Sigmund Freud (*Moisés e o monoteísmo*) e da ego-história: “[...] é o retorno do sujeito após um longo eclipse ao peso das estruturas.” (DOSSE, 2009: 252)

É o rompimento com as biografias cronológicas da idade heróica, mas também com as biografias totalizantes, tais como as realizadas pela História Nova, que pretendiam dar conta do contexto a partir do sujeito. Segundo François Dosse, a idade hermenêutica caracteriza-se pela: “[...] *variação do enfoque analítico, pela mudança constante da escala, que permitem chegar a significados diferentes com respeito às figuras biografadas.*” (DOSSE, 2009: 359) É a unidade do passado vista pelos olhos das singularidades individuais, não estando mais a escrita biográfica relegada ao cronológico e linear.

Essa cartografia da escrita das biografias, feita por Dosse, revela sua importância na medida em que permite ao leitor conhecer um campo, genericamente novo e não muito explorado pelos historiadores, que sentem ainda um certo preconceito em relação aos

DOSSE, François. **O Desafio Biográfico**: escrever uma vida. Tradução Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009 – por Fernanda Lorandi Lorenzetti

relatos biográficos, por acreditarem que estes não dizem muito do passado, devido à tendência de se encarar a biografia como uma história não-problemática, aproximada, desse modo, da abordagem narrativa convencional. Para Dosse, esse é o grande desafio do historiador em relação à escrita biográfica, qual seja, encará-la como possível e até mesmo inevitável, pois, é ela, segundo o autor, que: “[...] *oferece um acesso privilegiado para nos aproximarmos ao máximo da interioridade/exterioridade, do singular/geral, sendo portanto o que mais lembra o ideal impossível de globalidade.*” (DOSSE, 2009: 344)

Segundo Dosse é preciso ultrapassar a concepção de Pierre Bourdieu que afirmava ser a biografia uma ilusão, dada a impossibilidade em contar a vida total de uma pessoa, já que as lacunas deixadas pelos documentos seriam substituídas pelas coerências fictícias do historiador. Desse modo: “*A biografia, para Bourdieu, não apresenta pertinência alguma.*” (DOSSE, 2009: 209) A biografia não seria para Bourdieu um gênero pertinente aos historiadores, pois não haveria a preocupação com a verdade dos fatos. Está aí o cerne da crítica de Dosse sobre as concepções bourdesianas, pois para o historiador francês, tanto o biográfico quanto o fazer histórico, são levados a cabo pelo próprio escritor, e dependem, até certo ponto, dos “elementos ficcionais”. O que as une é o respeito que devem possuir em relação à realidade sem contudo, ter em vista, a compreensão total dessa realidade.

Na atualidade o historiador/biógrafo: “[...] *sabe que o enigma biográfico sobrevive à escrita biográfica. A porta permanece escancarada para sempre, oferecida a todos em revisitações sempre possíveis das efrações individuais e de seus traços no tempo.*” (DOSSE, 2009: 410) A aposta biográfica, que muitos historiadores aceitaram, é tentar dar conta da realidade a partir do individual, entendendo a biografia como um gênero híbrido, misto de ficção e realidade. Dosse aceitou esse desafio algumas vezes, tais como em: “*Michel de Certeau, le marcheur blése*” (2002) e “*Paul Ricouer, les sens d’ une vie*” (1997). Em “*Desafio Biográfico*” ele tenta compor uma imagem geral sobre a escrita biográfica, permitindo ao seu leitor ter uma visão mais ampla sobre essa forma de escrita de história, sem, contudo, cair na superficialidade.

Recebido em: 06/01/2010

Aprovado em: 13/04/2010